

## Notas e Comentários

### Recentes volumes dos «Henrici de Gandavo Opera Omnia»

#### OS DOIS MAIS RECENTES VOLUMES DOS «HENRICI DE GANDAVO OPERA OMNIA»<sup>1</sup>

Acabam de ser publicados mais dois volumes da série «Obras Completas de Henrique de Gand», projecto em boa hora lançado pelo Centro De Wulf-Mansion da Universidade Católica de Lovaina e superiormente coordenado por Raymond Macken<sup>2</sup>.

O volume XI, que integra a edição do *Quodlibet VII*, datado de 1283, sai sob a responsabilidade de G. A. Wilson, professor no Departamento de Estudos Religiosos da Universidade Xavier de Nova Orleães (Luisiana, E.U.A.), especialista na obra de Henrique de Gand. Tendo já assinado a edição do *Quodlibet VI* (Lovaina, 1987), este autor prepara presentemente o texto dos artigos 35-40 da *Summa*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Henrici de Gandavo. Quodlibet VII*. Edidit G. A. WILSON (Henrici de Gandavo. Opera Omnia. Vol. XI), Leuven University Press, Lovaina, 1991, LXXX + 335 pp.: 3000BF; *Henrici de Gandavo. Summa (Quaestiones ordinariae) art.º XXXI-XXXIV*. Edidit R. MACKEN. Cum Introductione generali ad editionem criticam «Summae» a L. HÖDL (Henrici de Gandavo Opera Omnia, Vol. XXVII), Leuven University Press, Lovaina, 1991, CXLX+266 pp. e oito reproduções exteriores ao texto: 3750 BF.

<sup>2</sup> Já tivemos ocasião de, nestas páginas, apresentar ao público lusófono o estado da edição e as linhas gerais que a regem, cf. M. A. S. de CARVALHO, «Henrique de Gand (+1293). A propósito da edição dos seus «Opera Omnia»». *Humanística e Teologia* 12 (1991), 113-138.

<sup>3</sup> Assinalamos alguma da bibliografia do autor sobre Henrique de Gand: *Dymorphism and the Metaphysical Unity of Man in «Quodlibeta Magistri Goethals a Gandavo...»* (Tese de doutoramento, Tulane University, 1975, pro manuscrito); «Henry of Ghent's Quodlibet III. A Response to Gilles of Rome's «Contra Gradus»», *Proceedings of the Patristic, Medieval, Renaissance Conference* (Villanova) 3(1978), 77-84; «The First Volumes of Henry of Gent's Opera Omnia», *Franziskanische Studien* 61(1979) 349-352; «Henry of Gent and René Descartes on the Unity of Man» *ibid.* 64(1982), 97-110; «Henry of Ghent's Critique of Aristotle's Good Fortune», *ibid.*, 65(1983), 241-251; «Review of Henry of Ghent's «Quodlibet X» and the «Lectura ordinaria super Sacram Scripturam» (Attributed to Henry of Ghent)», *ibid.*, 65(1983), 397-401; «Human Generation According to Henry of Ghent», *Proceedings of the Patristic, Medieval, Renaissance Conference* 9(1984), 59-68; «Preliminary Indications of a Historical Development in the Second Parisian Exemplar of Henry of Ghent's Quodlibet VI», *ibid.* 10, (1985), 135-143; «Previously Unnoticed Indications of Peculiar Transitions in Manuscripts of Henry

O volume XXVII, editado por R. Maken, aparece-nos como o primeiro contributo para a edição crítica integral da *Summa* — art.º 31-34 — apresentando, por isso, a respectiva «Instrução geral»<sup>2</sup> a todo o Projecto-Suma, no caso vertente pelo punho do professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Bochum, L. Hödl, eminente conhecedor da teologia do Gandavense<sup>4</sup>. Como este mesmo autor escreve (p. XXI), estamos neste caso perante um volume-projecto não só da edição da *Summa* como também da leitura crítica e de explicação desta obra escrita no decurso do ensino académico regular de Henrique de Gand. Continua assim a um bom ritmo e a um nível muito elevado esta colecção que preenche a segunda série daquele activo Centro de investigação em Filosofia Antiga e Medieval do Hoger Instituut voor Wijsbegeerte, colecção que nos tem apresentado com significativas descobertas. A edição dos quinze *Quodlibeta* quase totalmente distribuída (nove títulos editados, um concluído, cinco em preparação), segue-se agora a fase da edição desse excelente trabalho que foi a *Summa* de Henrique de Gand e que ocupará os volumes 20-34 das suas Obras Completas.

#### OS ARTIGOS 31-34 E A SUMA DE HENRIQUE DE GAND

Começaremos precisamente por apresentar a edição do volume das *Questões Ordinárias de Teologia* que integra os seguintes artigos: Eternidade de Deus (a. 31); as propriedades comuns atribuídas à natureza divina pelas criaturas (a. 32); propriedades comuns substanciais atribuídas à essência divina pelas criaturas, em especial (a. 33); a verdade de Deus (a. 34). Estamos, no caso, em presença da edição de três ricas temáticas filosófico-teológicas — eternidade, verdade e nomes divinos — que nos são apresentadas e ponderadas primeiro por Hödl (p. XI-XXXIV) antes de mais no contexto epistemológico que Henrique de Gand, juntamente com Gerardo de Bolonha (+1317), determina, e que se caracteriza pelo abandono do paradigma aristotélico na definição da Teologia como ciência, ou melhor, pelo

of Ghent's Quodlibeta», *Manuscripta*, 33 (1989), 192-204; «A Note Concerning the Authorship of the «Lectura Ordinaria» Attributed to Henry of Ghent», *Recherches de Théologie ancienne et médiévale*, 56 (1989), 227-231.

<sup>4</sup> Assinalamos alguma da bibliografia do autor sobre Henrique de Gand: «Die Grundfragen der Sakramentenlehre nach Hervéus Natalis O. P., (+1323)», Munique, 1956, 262; «Neue Wege im Schul- und Einflussbereich des Heinrich von Gent», *Miscellanea Mediaevalia*, 2 (1963), 607-615; «Neue Nachrichten über die Pariser Verurteilung der thomasischen Formlehre», *Scholastik*, 39 (1964), 178-196; «Die theologische Diskussion des Heinrich von Gent (+1293) über die thomasische Lehre vom vollkommenen christlichen Leben (Quodl. XII, 28-29)», in *Thomas von Aquino. Interpretation und Rezeption*, Mainz, 1976, 470-487; «Die philosophische Gotteslehre des Thomas von Aquino O. P. in der Diskussion der Schule um die wende des 13 und 14. Jahrhundert», *Rivista di Filosofia neoscholastica*, 70 (1978), 113-134; «Von den korrekten, korrigierten, Ausgaben der Quodlibeta des Heinrich von Gent (+1293) zur kritischen Neuausgabe (1979)», *Archiv für Geschichte der Philosophie*, 63 (1981), 289-304; «...sie reden, als ob es zwei gegensätzliche Wahrheiten gäbe». Legende und Wirklichkeit der mittelalterlichen Theorie von der doppelten Wahrheit», in J. P. Beckmann (ed.) *Philosophie des Mittelalters*, Hamburgo, 1981, 225-243; «Literatur — und Problemgeschichte zur neuen kritischen Edition der «Opera Omnia» des Heinrich von Gent», *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie*, 32 (1985), 295-322; «Zur kritischen Neuausgabe der Summa des Heinrich von Gent (Eine Voranzeige)», *Franziskanische Studien*, 69 (1987), 144-158; «Der Projektband der kritischen Edition der «Summa» des Heinrich von Gent», *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, 64 (1988), 255-228.

reexame daquele paradigma à luz do contributo filosófico avicénico e condicionado pelo conflito entre os domínios da razão e da fé que dividia as duas faculdades de Paris no decénio de setenta<sup>5</sup>. «Na altura em que as discussões com os docentes da Faculdade das Artes se tomaram tensas, em particular aquelas com a escola de Sigério de Brabante, Henrique de Gand, que também havia estudado as «artes», distanciava-se conscientemente das próprias bases da filosofia aristotélico-averroísta entrando assim em conflito com a escola e os discípulos de Tomás de Aquino, na medida em que estes se encontravam submetidos à coacção do sistema de pensamento da filosofia aristotélica. Henrique de Gand fala por vezes com uma grande estima de Tomás de Aquino, a quem chamava «quidam doctor religiosus valde excelens», mas declinava as bases filosóficas da teologia que Tomás havia apresentado. Para Henrique de Gand o ser («esse») não era, como cria Tomás, um coprincípio metafísico na estrutura do ente, pois o que existe de facto deve ser compreendido a partir da sua essência (i.e., da sua possibilidade de ser). Aquilo que em si comporta a possibilidade de existir, o formal, não é simplesmente uma disposição do que efectivamente existe, mas é em si uma «entitas» posto que não seja ainda um «ser». O que em si comporta a possibilidade de existir, é a plenitude do ser, que na existência «hic et nunc» não será jamais plena e totalmente realizada. A análise modal dos diferentes modos de ser aguça o olhar para com todas as diferentes possibilidades de ser, que Henrique de Gand analisava naquilo que era criado por Deus. A essência dos seres funda-se nas ideias divinas e apenas pode ser trazida à existência concreta e efectiva pela actividade criadora de Deus. (...) Henrique de Gand recusava a distinção real do «ser» e da «essência» e explicava o carácter criatural do mundo baseando-se na essência dos seres criados. Rejeitava a doutrina da abstracção proposta por São Tomás e explicava o conhecimento sem a aceção de uma «species intelligibilis». Declinava também a concepção de Tomás acerca da vontade humana como uma potência simultaneamente activa e passiva. Nenhum outro teólogo além de Henrique de Gand criticou de uma maneira tão apurada imediatamente após a morte de Tomás de Aquino a base filosófica da teologia que este propunha<sup>6</sup>. «A crítica apurada de Henrique de Gand contra a coacção do sistema da filosofia aristotélica imposta à teologia, preparou o caminho para que um outro teólogo pudesse fundar a validade da teologia enquanto ciência independentemente deste sistema da filosofia aristotélica, João Duns Escoto»<sup>7</sup>.

Citamos propositadamente este longo extracto na medida em que ele resume muito bem alguns dos princípios essenciais da síntese gandavense. No entanto, e para além desta contextualização e dos temas mais genéricos referidos, outros aspectos merecem ser aqui devidamente destacados. Pensamos na temática da eternidade contra a do tempo, no problema da eternidade por essência e por participação, na determinação da categoria da quantidade, da realidade como relação gradativa, da presença do Pseudo-Dionísio, no modelo reflexivo da luz/Deus, do significado dos nomes e do estatuto da linguagem humana, entre outros.

<sup>5</sup> Seja-nos permitido reparar a ausência do artigo de B. SMALLEY («Gerard of Bologna and Henry of Ghent», *Recherches de Théologie ancienne et médiévale*, 22, 1955, 125-129) na nota 49 da página XXIX.

<sup>6</sup> HÖDL, *Introduction à l'Édition Critique de la «Summa» d'Henri de Gand*, XIII-XIV.

<sup>7</sup> ID., *ibid.*, XIV.

Defendendo a mais valia da *Suma* de Henrique de Gand por relação com os escritos similares de Aquino e de Duns Escoto<sup>8</sup>, L. Hödl trata ainda, de forma assaz sumária, dos seguintes aspectos: *a*) estado da investigação sobre os Mss. da *Suma* (p. XVI-XVII); *b*) exame da tradição universitária por via das indicações de peças nos manuscritos (p. XVII-XIX); *c*) qualificação dos testemunhos isolados dos dezoito manuscritos da *Suma* tendo por base o método histórico-filológico da escola de Lovaina (p. XIX-XX); *d*) a programação de um texto de trabalho com vista à escolha dos testemunhos fiáveis da tradição manuscrita (p. XX-XXIII); *e*) escolha das variantes para a constituição de um texto crítico (p. XXIII-XXIV); *f*) história da gênese e influência da *Suma* (p. XXIV-XXX); *g*) observações sobre os artigos editados no volume (p. XXX-XXXIV). À excepção dos dois últimos parágrafos, nada se adianta aqui aos estudos pormenorizados e às descobertas avançadas por R. Macken (mas para as quais Hödl também pôde contribuir) nomeadamente no volume ora em apreço (p. XLV-CXXIX) e em várias publicações<sup>9</sup>, mas num primeiro volume da *Suma* uma tal perspectiva sumária do estado da questão é particularmente bem-vinda. A título de divulgação e a fim de se poder aquilatar da importância destes contributos, resumamo-lo também nós aqui.

A *Suma* está conservada em dezoito *codices* latinos e dois são particularmente notáveis. O manuscrito que a família Goethals de Mude possuía — note-se que a descoberta romântica de Henrique de Gand pretendeu fazê-lo pertencer a esta família nobre — testemunha um segundo exemplar universitário e, por conseguinte, de uma tradição universitária dividida. (A substituição de um primeiro exemplar talvez se possa dever ao facto da sua deterioração pelo uso ou pela retenção indevida de uma peça alugada para reprodução). Por sua vez, o manuscrito que pertencera ao colega na Sorbonne e compatriota de Henrique, Godofredo de Fontaines, conservado na Biblioteca Nacional de Paris (ms. lat. 15355), e que se encontra fortemente recheado de correcções que com grande probabilidade se podem atribuir ao punho do próprio Henrique de Gand, é um testemunho excelente para a reconstituição do texto de base para o estabelecimento da edição crítica.

Importa neste momento ter algumas informações sobre o sistema editorial da Universidade de Paris. O mestre, Henrique de Gand no caso, devia ter pronto para publicação um apógrafo a partir do qual no «scriptorium» e sob o controle do «stationarius» se copiava o exemplar universitário (disseminação literária vertical). Sabemos que a Universidade zelava sobre a respectiva correcção formal, conceptual e linguística, e ao «stationarius» competia inspecionar a referida correcção<sup>10</sup>. Mediante uma remuneração fixa, este exemplar, constituído por

<sup>8</sup> ID., *ibid.*, XV: «Pour la compréhension de l'histoire de la science théologique dans la scolastique, qui nous intéresse aujourd'hui tout spécialement, la *Summa* d'Henri de Gand offre plus que les écrits similaires de Thomas d'Aquin et de Jean Duns Scot».

<sup>9</sup> Citemos em primeiro lugar, os Estudos Críticos que antecedem as suas edições dos *Quodlibet I* (LXXIV-LXXI), *IX* (LX-LXIX), *X* (LXXIV-LXXI) e, depois, os dois estudos seguintes: «Les corrections d'Henri de Gand à ses *Quodlibets*», *Recherches de Théologie ancienne et médiévale* 40 (1973), 5-51 e «Les corrections d'Henri de Gand à sa *Somme*», *ibid.* 44 (1977), 55-100. Para os *Quodlibeta* restantes, cf. *Quodl. II*, Ed. R. WIELOCKK, XII-XXII; *Quodl. VI*, Ed. G. A. WILSON, XXXV-XLV; *Quodl. VII*, Ed. G. A. WILSON, XLVII-LXVII; *Quodl. XII*, Ed. J. DECORTE, XLIII-XLVII; *Quodl. XIII*, Ed. J. DECORTE, XLVII-LXXIV.

<sup>10</sup> Cf. *Henrici de Gandavo, Tractatus super facto praelatorum et fratrum. (Quodlibet XII, quaestio 31)*. Ed. L. HÖDL e M. HAVERALS. Cum Introductione historica L. HÖDL (Henr. de Gand. Opera Omnia. Vol. XVII), Lovaina, 1989.

fascículos separados e numerados (as «peciae»), era depois emprestado para ser copiado, muitas vezes para bibliotecas distantes (disseminação horizontal), trocando-se habitualmente uma peça por outra. Apesar da numeração das peças ter uma dupla finalidade (tanto servia para verificar se a cópia estava completa como para controlar o salário a pagar ao copista) muitas vezes faltam aos manuscritos essa preciosa indicação, — «preciosa» já que é na sua base que se pode reconstituir a divisão em peças do exemplar universitário e assim ter um eventual e desejável acesso ao apógrafo do mestre. Na maior parte dos casos faltam-nos o exemplar universitário, mas possuímos as suas cópias. No caso concreto de Henrique de Gand, como se disse, estas cópias permitem-nos afirmar a existência de dois diferentes exemplares universitários editados um após o outro porquanto existem indicações de peças que não coincidem. Devemos estas descobertas a R. Macken e o trabalho posterior para a edição dos novos volumes dos «Opera Omnia» têm-nas confirmado, quer para os *Quodlibeta* quer presentemente para a *Summa*, que nos surge assim como um texto que na sua época era editado sob a premência de uma avidez docente e discente, constatação em flagrante contraste com o pelo menos até há pouco escasso interesse contemporâneo pela obra do Gandavense. Para além da atenção prestada à indicação das peças, R. Macken pôde, como se disse, descobrir os autógrafos de Henrique de Gand nas correcções constantes (há casos de duas, três, quatro e até de cinco níveis de correcção). De facto, casos de correcção há, e neste volume eles continuam a ser representativos e de extrema relevância teórica (p. XXI-XXII e XCIV-CXXI), que pelo seu conteúdo só se justificam se se presumir a intervenção do autor. Pensamos fundamentalmente nos casos em que a intervenção de uma correcção não é tanto de nível estilístico ou gramatical quanto de nível doutrinal manifestando um sentido de maior precisão teórica e aprofundamento. Neste caso particular continuam ainda a sobressair os passos ocupados precisamente com a superação do paradigma aristotélico nomeadamente ao nível metafísico do fundamento e da composição de essência e de existência.

É este domínio justamente que um extenso e completíssimo «Estudo Crítico» da autoria do editor vem devidamente destacar (p. XXXV - CXLIX, XCIV - CXXI em particular)<sup>11</sup>. Mas outros aspectos são aqui dignos de realce, nomeadamente algumas das descobertas produzidas: *a*) da razão pelo título adaptado pelos editores, *Summa*, em vez das habituais *Quaestiones ordinariae*, como Henrique de Gand se lhes refere (p. LIV.); *b*) de uma redacção possível de um comentário à *Metafísica* (p. LIV) e mais uma confirmação da autoria da *Lectura Ordinaria*

<sup>11</sup> Da forma habitual, R. MACKEN examina sucessivamente os seguintes temas: «As edições e os manuscritos» (p. XXXVII-XLIV); «O texto examinado do exterior: elementos históricos e codicológicos úteis para a sua reconstituição» (p. XLV-LXII); «O texto examinado do interior: as relações encontradas entre os manuscritos mediante a colação geral» (p. LXIII-XCIII); «O manuscrito 8 (Paris, *Bibl. Nat.*, lat. 15355), independente da tradição universitária» (p. XCIV-CXXI); «A reconstituição crítica do texto» (p. CXXIV-CXXIV); «Estudo das referências no texto, criticamente reconstituído, dos artigos 31, 34 e os seus ensinamentos relativamente à *Summa* no seu conjunto» (p. CXXV-CXXIX); «As edições antigas da *Summa*, art.º 31-34» (p. CXXX-CXXIX); «A gênese dos exemplares representada sob a forma de um esquema» (p. CXXXII-CXXXIII); «A gênese dos exemplares e a sua base: quadro recapitulador dos acidentes críticos da *Summa*, art.º 31-34» (p. CXXXIV-CXLIV); «Técnica da edição» (p. CXLV); «Sinais» (p. CXXI) — em vez de um asterico \* na linha 3, deverá ler-se, como é óbvio, um traço vertical, como sinal do início de uma nova coluna do manuscrito indicado na margem —; «Abreviaturas» (p. CXLVII-CXLVIII); «Siglas dos Manuscritos» (p. CXLIX);

(p. CXVII); c) da eliminação da hipótese de um exemplar da *Summa* copiado na Inglaterra (p. CXXIII); d) do método de trabalho de Henrique de Gand, que obedecia a um plano no qual o conteúdo da obra era discriminado (p. CXXVI).

Refira-se finalmente a costumada prudência do editor, e porque a edição ainda está longe da sua conclusão, adiantando algumas hipóteses, quer (1) relativamente à divisão da *Summa* («De Creaturis») em duas partes, ou de uma segunda secção da primeira parte («De Deo») — ficamos a saber de facto que no momento em que redigia estes artigos (talvez contemporâneos do *Quodlibet IV* (p. CXXV) i. e., da época em que o autor leva a cabo uma importante evolução no capítulo da noética<sup>12</sup>) Henrique de Gand nutria ainda a intenção de concluir a obra ou, pelo menos, de avançar adentro da secção dedicada às criaturas (p. XLV - XLVI, CXXVII) — quer (2) relativamente à redacção e edição desta obra teológica. Neste último domínio aliás, são distintas as opiniões de L. Hödl e de R. Macken, o primeiro pugnando pela revisão da cronologia estabelecida por Gómez Caffarena (p. XXC)<sup>13</sup>, o segundo continuando a admiti-la provisoriamente (p. XLIX) em particular quanto à redacção por grupos de artigos em alternância com os *Quodlibeta* (p. XLV), e não se escusando a uma nova «hipótese de trabalho» como alternativa à explicação apresentada outrora por P. Bayerschmidt no que tange ao inacabamento da obra (p. LVI)<sup>14</sup>.

## O QUODLIBET VII

Para além do habitual «Estudo Crítico» que antecede cada volume desta edição — e onde sobressai uma vez mais o parágrafo dedicado às correcções de autor (p. XLVII-XLVIII), «here a corrector is at work who not only corrects faults in the text, but acts as an author finalizing his own text» (p. LV) —, e entre as substanciais trinta questões dedicadas às «criaturas em relação a Deus e em si mesmas consideradas» (p. 3) deste precioso *Quodlibet*, poderíamos destacar a dupla «quaestio» inicial (p. 3-35). Ela visa saber se qualquer realidade comporta uma ideia própria em Deus e se o mesmo acontece com as relações («relationes sive respectus»).

Quem conhece o pensamento de Henrique de Gand dificilmente iludirá o interesse desta questão que se insere assim numa peculiar teoria das categorias e das

<sup>12</sup> Cf. Th. NYS, *De werking van het menselijk verstand volgens Hendrik van Gent*. Lovaina, 1949, p. 70-88, p. 137: «Van het vierde *Quodlibet*, in 1279, noteren wij een opvallende koersverandering in de oorspronkelijk-aristotelische averroïstischgetinte abstractietheorie van Hendrik van Gent. Trapsgewijze schakelt hij de *species intelligibilis impressa* uit en laat de *intellectus possibilis* in werking treden door de aanwezigheid in de kennende ziel van het verstandelijk kenbaar object, ofwel in eigen wezenheid, ofwel in een geïniversaliseerd phantasiebeeld»; R. MACKEN, «La théorie de l'illumination divine dans la philosophie d'Henri de Gand», *Recherches de Théologie ancienne et médiévale*, 39 (1972), 92-93.

<sup>13</sup> Cf. J. GÓMEZ CAFFARENA, «Cronologia de la «Summa» de Henrique de Gante por relación a sus «Quodlibeta»», *Gregorianum*, 38 (1957), 116-133; ID., *Ser participado y ser subsistente en la metafísica de Henrique de Gante*, Roma, 1958, 270.

<sup>14</sup> Cf. P. BAYERSCHMIDT, *Die Seins- und Formmetaphysik des Heinrich van Gent in ihrer Anwendung auf die Christologie. Eine Philosophie — und Dogmengeschichtliche Studie*, Münster s. W., 1941, 6: «Ihre monumentale Konzeption allein offenbart den gewaltigen Geistesflug des Genter Magisters, ebenso wie die gigantisch geplanten, aber oft unvollendeten Kathedralen der Gotik von einem geradezu faustischen Willen zur Größe und Macht künden».

relações, cuja evolução (pelo menos da q. 1 do *Quodl. II*<sup>15</sup> à q. 2 do *Quodl. IX*<sup>16</sup> passando por textos como *Quodl. I*, q. 9<sup>17</sup>, *Quodl. III*, q. 9<sup>18</sup>, *Quodl. V*, q. 2<sup>19</sup>, *Quodl. VIII*, q. 1<sup>20</sup>, e aos artigos da *Summa* 21, q. 2<sup>21</sup> e 35, q. 5<sup>22</sup>) e esclarecimento já foi objecto de estudo do livro pioneiro de Jean Paulus<sup>23</sup>, autor de quis ver ali um contributo na direcção do nominalismo, e mais recentemente de Mark G. Henninger, que o entende como autor de fronteira<sup>24</sup>. Curiosamente, J. Gómez Caffarena, neste plano genético e sistemático, pouca atenção prestou a estas duas questões do sétimo *Quodlibet*, privilegiando naturalmente aquele que é o *locus classicus* desta temática, o *Quodlibet IX*, q. 2. Porém, Henrique de Gand, neste lugar do seu sétimo *Quodlibet* clarifica a sua posição quanto ao estatuto das ideias e à sua definição no quadro da correcção do platonismo à luz do augustinismo (p. 5, l. 38-51 e p. 19-20); apresenta, em diálogo crítico com Avicena, a célebre caracterização da noção de *res* ou *aliquid* (p. 26-28), digamos enquanto forma transcendental de toda a produção intelectual, por oposição ao puro nada e, progressivamente, e como ponto de partida da metafísica, enquanto se distingue em criação puramente conceptual (*res, a reor reris dicta*) e em natureza verdadeira (*res, a ratitudine*); na linha do projecto de *Sex principis*, procede à crítica das categorias aristotélicas no sentido da sua simplificação e redução a três géneros do real, substância, quantidade e qualidade, das quais apenas terá sentido falar-se de ideias próprias em Deus (p. 5, l. 76-87), remetendo todas as restantes para o plano conceptual e da linguagem (p. 34, l. 61-68); e examina com detenção nesse quadro o estatuto da quantidade (p. 8-17). Porque se distingue um quádruplo modo de consideração da quiddidade ou da essência («quidditas et essentia rei») — como existente nos singulares, no entendimento, no processo de abstracção e aplicação predicamental e, por último e bem avicenianamente, em sentido absoluto («secundum se et absolute») (p. 18, l. 43-53) — a crítica à doutrina das categorias aristotélicas aparece-nos como o momento privilegiado para a discussão — aliás agónica, se levarmos em linha de conta o trajecto escotista da segunda instauração da metafísica como ciência mediante a univocidade<sup>25</sup> — da teoria da analogia. Jean Paulus sublinhou devidamente como uma forte

<sup>15</sup> *Quodl. II*, q. 1 (ed. R. Wielockx, 3-8): «Se Deus conhece por uma única ideia diversos indivíduos da mesma espécie».

<sup>16</sup> *Quodl. IX*, q. 2 (ed. R. Macken, 25-46): «Se Deus poderia criar várias criaturas na sua espécie, se n'Ele não houvesse várias ideias».

<sup>17</sup> *Quodl. I*, q. 9 (ed. R. Macken, 47-62): «Se a essência da criatura é o seu ser»; o aparecimento da tradução portuguesa desta questão está iminente.

<sup>18</sup> *Quodl. III*, q. 9 (ed. Badius, fol. 60-62): «Se se deve defender a essência indiferente para o ser e para o não-ser».

<sup>19</sup> *Quodl. V*, q. 2 (ed. Badius, fol. 154-155): «Se subsiste em Deus a essência de um acidente que a criatura lhe atribui».

<sup>20</sup> *Quodl. VIII*, q. 1 (ed. Badius, fol. 299-301): «Se em Deus existem ideias práticas».

<sup>21</sup> *Summa* a. 21, q. 2 (ed. Badius, fol. 123-124): «Se Deus comunica com as criaturas quanto ao ser».

<sup>22</sup> *Summa* a. 35, q. 5 (ed. Badius, fol. 225-226): «Se existe uma potência activa em Deus, ou várias».

<sup>23</sup> J. PAULUS, *Henri de Gand. Essai sur les tendances de sa métaphysique*, Paris, 1938, p. 197.

<sup>24</sup> Cf. M. G. HENNINGER, *Relations: medieval theories 1250-1325*, Oxford, 1989, 40-58.

<sup>25</sup> Cf. O. BOULNOIS, «Analogie et univocité selon Duns Scot: la double destruction», *Les Etudes Philosophiques* (1989), 347-369; ID., *Jean Duns Scot. Sur la connaissance de Dieu et l'univocité de l'étant*. Introduction, traduction et commentaire par O. B., Paris, 1988.

influência teológica (a necessidade de traduzirmos a simplicidade da essência divina e o problema das relações pessoais inter-trinitárias) e o consequente diálogo com Boécio na companhia dos comentários de Gilberto de Poitiers, não impediu também o facto de aquela discussão entrar profundamente adentro do mais requintado domínio filosófico.

### BREVE RESENHA DA RECENTE LITERATURA SOBRE HENRIQUE DE GAND

Após a publicação da já citada nossa nota bibliográfica, pudemos deter-nos no contributo que Daniel Gamarra prestou ao concerto da actual exegese do Gandavense<sup>26</sup>, obra paralela à de J. - F. Courtine<sup>27</sup>, mas que obviamente a supera pela extensão concedida à análise do trabalho de Henrique de Gand e pela relevância teórica em que no contexto mais geral da sua tese pretende evocar o nosso pensador medieval. É em todo o caso curioso assinalar que, tal como acontece pelo menos desde a obra de Th. Nys, ela que impulsionou uma vertente de abordagem mais genética, perspectiva que já obteve os seus frutos em sectores variados da síntese mental do teólogo de Gand, o capítulo gnoseológico continua a interessar os exegetas contemporâneos. É que, e entre outras razões, como salientou há já algum tempo J. Pinborg, o *esse essentiae* deverá ser entendido como uma fonte do *esse obiectivum*, tal como aparece em Pedro Aureolo ou em Descartes, autor este com que o estudo de Gamarra culmina<sup>28</sup>. Mas aqui o estado da investigação actual permite que as abordagens específicas como aquelas que referimos sejam feitas à luz mais global da consideração da sua síntese mental (nomeadamente que ultrapasse o trabalho de J. Paulus) e este aspecto não é devidamente tido em conta nem por Courtine, que subestima a componente metafísica apesar de contribuir positivamente para a relação Henrique de Gand-Suarez no tema da duplicação do conceito de ser e da analogia, nem por Gamarra, que em relação a este tem o mérito acrescido de ler o contributo gandavense no quadro mais lato da metafísica.

Apreciável é por isso o mais recente contributo de Pasquale Porro, que também prepara a edição do *Quodlibet VIII* e é já autor de uma importante série de estudos na sequência da sua tese de doutoramento apresentada à Universidade de Bari<sup>29</sup>. O seu livro, fruto de uma reflexão já amadurecida e de uma aplicada convivência com o pensamento de Henrique de Gand, divide-se em duas partes distintas, «La via delle proposizioni universali intelligibili» (p. 17-139) e «L'im-

<sup>26</sup>Cf. D. O. GAMARRA, *Esencia y Objeto*, Bema — Francoforte s. Main — N. York — Paris, 1990, 73-102; cf. a nossa recensão publicada no primeiro volume da *Revista Filosófica de Coimbra* (1992).

<sup>27</sup>Cf. J.-F. COURTINE, *Suarez et le système de la métaphysique*, Paris, *passim*.

<sup>28</sup>Cf. J. PINBORG, *Logik und Semantik im Mittelalter. Ein Überblick*, Estugarda-Bad Cannstatt, 1972, 127 sg.; K. MICHALSKI, *La philosophie au XIVe, siècle*, Francoforte, 1969, 47 sg.; cf. ainda, A. de MURALT, *L'Enjeu de la Philosophie Médiévale*, Leida, 1991, 90-167, desconhecendo embora a importância de Henrique de Gand no percurso traçado de T. de Aquino a Duns Escoto.

<sup>29</sup>Cf. P. PORRO, *Enrico di Gand. La via delle proposizioni universali*, Bari, 1990, 220 pp. Assinalamos aqui alguma da bibliografia deste autor sobre Henrique de Gand: *Enrico di Gand nella Scolastica del XIII secolo. Una questione controversa: la natura del tempo* (Tese de Doutoramento: Università degli Studi di Bari, 1986-87, pro manuscrito); «Enrico di Gand e il problema dell'unicità

magine storiografica di Enrico di Gand» (p. 143-198). A importância desta última parte é grande, quer pela bibliografia recolhida por extractos cronológicos — que em alguns pontos vem completar a nossa e em outros é por ela completada (p. 175-198) — quer pelo «perfil» traçado, que nos introduz de modo sempre acessível no estado da investigação e do seu trajecto, já nos aspectos biográficos (p. 143-149), já no conflito entre mendicantes e seculares (p. 149-158), já na fortuna de algumas das teses henriquinas e da sua obra (a oposição a Egidio Romano, a distinção intencional, a doutrina da iluminação), já na esquematização das orientações historiográficas mais recentes (p. 166-173). Neste último ponto, permitir-nos-emos apenas acrescentar às páginas 173 aquele que nos parece ser, esse sim, o último dos capítulos estudados do pensamento henriquino; referimo-nos ao complemento à obra de G. de Lagarde<sup>30</sup> no sector da filosofia social e política que está a ser levado a cabo por R. Macken<sup>31</sup>.

Sobressai todavia neste estudo de P. Porro, a secção teórica que no capítulo do vulgarmente designado «argumento ontológico», e entre as interpretações de J. Paulus, de Gómez Caffarena e de A. C. Pegis<sup>32</sup>, lhes procura traçar a bissectriz à luz da mais recente produção e no quadro da escola de Macken. Qual é, em suma, — interroga-se o A. — o lugar e a importância que Henrique de Gand assume no percurso histórico deste argumento? Retomando os pressupostos ontológicos do teólogo medieval (momento a interpretação quiditativa da *quaestio si est* que particulariza a metafísica henriquina pela sua aplicação não só a Deus mas também ao conhecimento das criaturas, ou ainda a duplicação do conceito de ser e a doutrina do *esse essentiae*), Porro pretende também responder à tese de Boulnois (que vê no trabalho de Escoto sobre a univocidade a passagem de uma *constituição* ontoteológica a uma *estrutura* ontoteológica) situando Henrique de Gand no lugar — «excêntrico» (p. 139) — de uma «ontologia do possível», ou seja, «la convizione di una naturale inclinazione verso il nulla da parte dell'ente» (*ibid.*). Na tentativa para definir uma alternativa «criacionista» à relação entre o ser e o nada, Henrique de Gand terá então galvanizado e «acelerado» um processo do qual Duns Escoto é considerado «iniciador» (cf. p. 136)<sup>33</sup>.

dell'aevum», *Medioevo*, 13 (1987), 123-193; «Ancora sulle polemiche tra Egidio Romano e Enrico di Gand: due questioni sul tempo angelico», *ibid.*, 14 (1988), 107-148; «Enrico di Gand sul problema della realtà del tempo in Agostino (Quodl. III, q. 11)», in M. Fabris (ed.), *L'umanesimo di sant'Agostino*, Bari, 1988, 589-611; «Il Tractatus super facto praelatorum et fratrum' di Enrico di Gand. La controversia tra clero secolare e Ordini Mendicanti alla fine del XIII secolo», *Quaderno di cultura e formazione* 3 (1990), 37-66.

<sup>30</sup>Cf. Georges de LAGARDE, *La Naissance de l'esprit laïque au déclin du moyen âge II: Secteur social de la Scolastique*, Lovaina - Paris, 2.<sup>a</sup> ed., 1958, 161-213 e *passim*; ocupando-se de ética casuística, refire-se já a aquele que poderá ter sido o primeiro estudo mais afim a estas questões, J. LICHTERFELD, *Die Ethik Heinrichs von Gent in ihren Grundzügen*, Gräfenhainichen, 1906.

<sup>31</sup>Cf. «Henry of Ghent as Defender of the Personal rights of Man» (a publicar em *Franziskanische Studien*); «Henry of Ghent as defender of Human Heroism» (a publicar no n.º de *Mediaevalia. Textos e Estudos* dedicado a comemorar o sétimo centenário da morte de Henrique de Gand).

<sup>32</sup>Cf. J. PAULUS, «Henri de Gand et l'argument ontologique», *Archives d'Histoire Littéraire et Doctrinale du Moyen Age*, 10 (1935-36), 265-323; J. GÓMEZ CAFFARENA, *Ser participado...*, 224-244; Anton C. PEGIS, «Toward a New Way to God: Henry of Ghent», *Medieval Studies*, 30 (1968), 226-247, e *ibid.* 31 (1969), 93-116, e *ibid.* 33 (1971), 158-179; P. PORRO, *Enrico di Gand. La via...*, 11, nota 7.

<sup>33</sup>Cf. L. HONNEFELDER, «Der zweite Anfang der Metaphysik, Voraussetzungen, Ansätze und Folgen der Wiederberggründung der Metaphysik im 13/14. Jahrhundert», in J. P. Beckmann et al., *Philosophie im Mittelalter. Entwicklungslinien und Paradigmen*, Hamburgo, 1987, 165-186.

No capítulo da recepção e do conhecimento da obra do Gandavense assinalamos ainda um artigo que nos escapou aquando da publicação da nota citada. Trata-se da prova do interesse pela obra de Henrique de Gand detectado na biblioteca de Oriel já no século XIV<sup>34</sup>.

Finalmente, referiremos que a novel colecção portuense, editada conjuntamente pela Faculdade de Letras, pela Universidade Católica e pela Fundação Engenheiro António de Almeida, *Mediaevalia. Textos e Estudos*, prepara um número especial para 1993 que será dedicado a celebrar o sétimo centenário da morte de Henrique de Gand. Consistirá num contributo sem dúvida precioso porquanto nele deverão participar alguns dos mais eminentes especialistas internacionais na obra de Henrique de Gand.

Mário A. Santiago de Carvalho

## A esterilização e a ética

A problemática levantada é tão vasta como complexa. E eu gostaria de ultrapassar, sem iludir, a solução casuística, fornecendo alguns critérios de discernimento moral que lhes facilite a reflexão, pessoal e em grupo, de modo a tomarem a atitude adequada no exercício da ciência e artes médicas, ao serviço da Pessoa, da Família e da Comunidade Social.

1. À primeira vista o senso comum sugere-nos que a *esterilidade é um mal*, enquanto ausência dum bem natural, duma faculdade ou capacidade de um ser adulto, para livre e selectivamente participar na transmissão do fundamental valor que é a vida humana. Daí que por outro lado, pareça sadio ultrapassar a incapacidade de responsabilmente participar na transmissão da vida, como afirmação da continuidade pessoal na partilha da vida conjugal estável. Nesta perspectiva é justo promover a *fecundidade responsável* e respectivas condições; e por outro lado a *eventual esterilidade* sofre-se como um limite, uma carência involuntária, uma carência objectiva.
2. Por isso mesmo parece-nos suficientemente fundamentado que a *esterilização ou castração provocada*, por razões eugénicas, sociais ou médicas, põe problemas éticos sérios, qualquer que seja o sexo e o processo: vasectomia, histerectomia, ligação das trompas ou por métodos mecânicos ou químicos, mais ou menos radicais ou temporários. É evidente que a gravidade da esterilização será de diferente gravidade se é provisória ou definitiva, além da intencionalidade e das circunstâncias envolventes e concomitantes. Mesmo que tais intervenções sejam livremente assumidas pelo casal e mesmo que não influenciem significativamente a partilha conjugal, a não ser por indirectas razões afectivas, a questão moral continuará a manter-se.
3. Para a avaliação do problema, partiria do polo oposto: a possível solução da esterilidade é legítima; para o casal constituído em projecto de família, poderá mesmo tornar-se moralmente obrigatória, caso o seu projecto seja de sadia partilha conjugal, com eventual comunicação de vida e educação da prole. Se é verdade que a infecundidade sofrida não é causa de invalidade do casamento, não há dúvida de que a continuidade nos filhos é um elemento significativo a ponderar seriamente pelo casal consciente e responsável.

<sup>34</sup> Cf. William J. COURTENAY, «The Fourteenth-Century Booklist of the Oriel College Library», *Viator*, 19 (1988), 283-290; haverá que acrescentar ainda, *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Ed. Ch. B. Schmitt, 1988, 155, 576, 578, 619.